



O ENSINO DE ARTE E SUAS RELAÇÕES COTIDIANAS: UMA ANÁLISE COM PROFESSORES DE 3º ANO DA REDE MUNICIPAL DE LINHARES

THE TEACHING OF ART AND ITS DAILY RELATIONS: An ANALYSIS WITH TEACHERS OF THE 3rd YEAR OF THE MUNICIPAL NETWORK OF LINHARES

Poliana Bernabé Leonardeli 1
Elisângela Silva de Souza 2
Juliana de Souza Pereira 3

Resumo: Este trabalho se trata de uma análise sobre a disciplina de Arte, sua contribuição na formação dos educandos, destacando-se a forma como é transmitida e como ela se relaciona com a cotidianidade dos estudantes. A investigação utiliza como recorte professores de Arte da rede Municipal de Linhares que atuam em turmas de 3º ano do Ensino Fundamental. Em relação à metodologia utilizada no trabalho, escolheu-se a abordagem qualitativa, os objetivos são de caráter descritivo, quanto aos procedimentos, a análise se classifica como pesquisa bibliográfica. Os dados foram coletados por meio de um questionário semiestruturado via Google Forms. Os resultados apontam para algumas incongruências na metodologia e recursos utilizados pelos professores de Arte em sala de aula.

Palavras-chave: Arte. Metodologia. Cotidianidade.

Abstract: This work is an analysis of the discipline of Art, its contribution in the formation of students, highlighting the way it is transmitted and how it relates to the daily life of students. The research uses as a clipping art teachers of the Municipal network of Linhares who work in classes of 3rd year of elementary school. Regarding the methodology used in the work, the qualitative approach was chosen, the objectives are descriptive, as for the procedures, the analysis is classified as bibliographic research. Data were collected through a semi-structured questionnaire via Google Forms. The results point to some incongruities in the methodology and resources used by art teachers in the classroom.

Keywords: Art. Methodology. Cotilanity.

1 Doutoranda em Letras (UFES). Professora adjunta de Língua Portuguesa (Faceli). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4534-474X>. E-mail: pleonardeli@gmail.com

2 Graduada em Pedagogia (Faceli). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2808-5160>. E-mail:elisangelasilva18@outlook.com

3 Graduada em Pedagogia (Faceli). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3419-8401>. E-mail: souzjuliana2@gmail.com



Introdução

Neste trabalho analisa-se de que forma a disciplina de Arte¹ contribui na formação da criança e como ocorre seu processo de ensino aprendizagem em sala de aula de escolas públicas do município de Linhares. A necessidade de aprofundar-se em tal tema, surgiu através de inquietações advindas da nossa realidade ainda enquanto alunas da Educação Básica e de observações no ambiente escolar enquanto estagiárias do curso de Pedagogia em uma escola Municipal de Educação Básica.

Por meio dessa experiência, a imagem que nos foi transmitida pelos professores de Arte ao acompanharmos suas aulas, é de que a disciplina aqui retratada é colocada apenas como um *momento de repouso*, por isso sentimos a necessidade de levantar a seguinte questão problema: *Como o ensino de arte é trabalhado em salas de aula em turmas de 3º ano da Rede Municipal de Linhares?* Por esse prisma, o presente tema se refere ao Ensino da Arte e suas relações cotidianas, pois busca-se analisar como a cotidianidade influencia no desenvolvimento da criatividade e percepções se inseridas pelo professor de Arte em sua metodologia, tendo em mente de que quando as aulas são atreladas à cotidianidade das crianças, considerando os aspectos de sua realidade e suas elaborações pessoais, as aulas se tornam prazerosas e significativas

A pesquisa foi dividida de forma a discorrer sobre a trajetória do Ensino da Arte, apontando para as suas diferentes concepções, que variam de acordo com o contexto ideológico que se apresenta. Em seguida, são expostas as suas tendências conceituais, haja vista, que o ensino da Arte teve trajetórias diferentes ao decorrer de sua história, que propiciaram diferentes ensinamentos. Após isso, o capítulo seguinte faz menção das propostas que a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) apresenta.

O quarto capítulo diz respeito ao percurso metodológico, que apresenta a metodologia utilizada para o desenvolvimento da pesquisa. E, no quinto capítulo, expõem-se as discussões e análises dos resultados obtidos por meio das respostas dos professores que atuam nas turmas de 3º ano da Rede Municipal de Linhares.

Concepções sobre o ensino da Arte

A arte é uma das principais manifestações culturais da sociedade, no entanto, defini-la não é tarefa fácil, isso decorre de suas várias atribuições em diferentes situações. Essas atribuições relacionam-se ao cotidiano, como nas diferentes profissões, ao domínio do mundo eletrônico, ao patrimônio cultural, a habilidades ligadas à dança, à música, à arte, entre outros.

De acordo com Barbosa (2012, p. 19) “a Arte na educação como expressão pessoal e como cultura é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual”. Sendo assim, a arte relaciona-se ainda com a natureza e objetos a nossa volta, dessa forma, podemos considerar que o conceito de arte, engloba uma amplitude cultural no que se refere aos aspectos físicos e estéticos do cotidiano no qual estamos inseridos.

Poderíamos dizer, em uma versão distorcida de Santo Agostinho, que “arte” é uma palavra que sabemos usar e usamos frequentemente, no entanto, quando nos perguntam o que é arte, não conseguimos providenciar uma resposta satisfatória. Compreendemos cotidianamente do que se trata, mas na dimensão teórica seu significado escorrega como água entre os dedos (FERREIRA, 2014, p. 21).

Se voltarmos nossa atenção à Pré-História, nota-se que mesmo naquela época a arte e o seu ensino já se faziam presentes, visto que para o homem desenhar nas cavernas ele teve de aprender e, da mesma maneira, ensinava para alguém (BRASIL, 1997). No entanto, era um ensino

1 Quando se trata da área curricular, grafa-se Arte; nos demais casos, arte.

empírico, adquirido através da experiência cotidiana, desassociado da educação escolar abordada nos currículos atuais. Assim sendo, desde os primórdios a arte tem dado sentido à experiência humana.

A arte é um modo privilegiado de conhecimento e aproximação entre indivíduos de culturas distintas, pois favorece o reconhecimento de semelhanças e diferenças expressas nos produtos artísticos e concepções estéticas, num plano que vai além do discurso verbal: uma criança da cidade, ao observar uma dança indígena, estabelece um contato com o índio que pode revelar mais sobre o valor e a extensão de seu universo do que uma explanação sobre a função do rito nas comunidades indígenas. E vice-versa (BRASIL, 1997, p. 33).

Nesse sentido, a arte pode ser sintetizada como “experiência humana de conhecimento estético que transmite e expressa ideias e emoções na forma de um objeto artístico” (AZEVEDO, 2007, p. 7). Por isso, a necessidade da criança em conhecer a arte, pois ao conhecê-la, ela aprende a observar, refletir, começa a perceber os objetos à sua volta e, dessa forma, mesmo que sem saber, começa a educar-se esteticamente. Além disso, a arte é importante na vida da criança, como um fator de humanização, permitindo que ela desenvolva seu conhecimento de mundo, possibilitando que o enxergue com outros olhos, além de torná-la um indivíduo mais sensível, com capacidade de se relacionar com outro.

No âmbito educacional, a concepção de Arte pode ser entendida como “percurso do fazer artístico que os alunos criam, experimentam, desenvolvem e percebem uma poética pessoal” (BRASIL, 2017, p. 191), como consta na BNCC, documento normativo para as escolas de Educação Básica homologado em 20 de dezembro de 2017, sendo de uso obrigatório na elaboração de currículos.

Pensar a arte no espaço escolar implica compreendê-la enquanto prática social, cultural, política e histórica, e, para tal, é necessária a construção de um espaço pedagógico propositivo, que considere a arte como um campo de produção de conhecimento. No entanto, de que maneira o ensino e a formação do professor de artes vêm sendo abordados nas políticas públicas educacionais ao longo da história? (SILVA; BAPTAGLIN, 2015, p. 854).

No entanto, nem sempre o tema foi visto por essa perspectiva, o ensino da Arte passou por modificações até chegar aos dias atuais, e é bem provável que essas mudanças continuem nos próximos anos. Em razão das constantes transformações, a julgar por entender que a arte não acontece no vazio, ela acompanha os movimentos culturais, logo, se há modificações ao que se refere práticas sociais vividas pela sociedade, de certa forma, também haverá mudanças em seu ensino, tendo em vista que ambos estão correlacionados (FERRAZ; FUSARI, 1999).

No Brasil, como dito anteriormente, o ensino de Arte deu-se formalmente no século XIX, em 1816 no governo de Dom João VI, com a chegada da Missão Artística Francesa e com a criação da Escola de Belas Artes no Rio de Janeiro. Assim oficialmente foi instalado o ensino de Arte nas escolas, porém era destinado ao ensino superior em academias e não tinham a preocupação em exigir essa disciplina no ensino primário e secundário (FERRAZ; FUSARI, 1999).

Ainda de acordo com as autoras, a academia influenciou ativamente na implantação da Arte na educação básica, mas a Arte não era vista como conteúdo nessa época, até o início do século XX o desenho era visto como uma formação de artistas e uma preparação para o mercado de trabalho.

Somente em 1971 que o ensino de Arte foi incluído no currículo escolar pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 5.692/71, intitulando-a por Educação Artística, mas não era vista como disciplina,

apenas como atividade educativa, e eram abordados como critérios para elaboração de conteúdos quatro modalidades: música, dança, teatro, e artes plásticas (BRASIL, 1971).

Conforme a LDB lei 5692/71, surgem então os primeiros cursos de formação dos professores de licenciatura na área da educação artística, eram cursos ofertados que preparavam para o desenho, principalmente o desenho geométrico, haja vista, que os alunos eram habilitados nesse ensino para o mercado de trabalho (FERRAZ; FUSARI, 1999).

Apesar disso, foi um avanço com relação ao ensino em arte, todavia, não havia uma política de formação de professores de Arte para atuação nas escolas de forma disciplinar e com o devido valor requerido à área, considerando alguns aspectos, tais como o período de duração dos cursos, que por muitas vezes, eram professores formados com 2 anos, considerando um tempo que dificultasse que o professor tivesse pleno domínio sobre as linguagens que deveria ter competência para exercer suas aulas (BRASIL, 1971).

Por conseguinte, essa política contribuía para a formação de profissionais com conhecimentos superficiais, que não tinham uma formação sólida e em consequência disso, nem mesmo domínio sobre a linguagem artística. Dessa forma, mediante tal formação, Baptaglin e Souza (2015) pontuam que as aulas se voltavam para uma concepção tradicionalista, partindo de atividades mecanizadas, através de modelos prontos de atividades padronizadas. Na década de 80, a pioneira em arte-educação, Ana Mae Barbosa, difundiu a proposta conhecida por *Metodologia Triangular* no Brasil, que interferiu positivamente quanto ao ensino da arte.

Decorrente ao uso dessas facetas, Baptaglin e Souza (2015) apontam que o fazer artístico oportuniza a criação da criança, o produzir arte, enquanto a análise das obras familiariza a criança com a linguagem visual. No que se refere à história da arte, tendo em vista a “relevância em conhecer o processo histórico do ensino de arte e nele saber interferir com consciência” (FERRAZ; FUSARI, 1999, p. 35), a *Metodologia Triangular* nesse sentido propicia que a criança compreenda o lugar e tempo nos quais as obras estão situadas.

Em 1988 com a promulgação da Constituição, a Arte sofreu fortes riscos de ser excluída do currículo escolar.

Antes da aprovação da Lei 9394/96 que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, foi discutido no país inteiro o Projeto de Lei nº 1258-C, de 1988, que também incluía o ensino de arte na educação básica, mas definia melhor as suas finalidades: “para desenvolver a criatividade, a percepção e a sensibilidade estética, respeitadas as especificidades de cada linguagem artística, pela habilitação em cada uma das áreas, sem prejuízo da integração das artes com as demais disciplinas (BRASIL apud FERRAZ; FUSARI, 1999, p. 28).

Com a reforma da LDB, que agora passa a ser a lei nº9.394/96, promulgada então em 1996, que vigora até os dias atuais, a arte não só permaneceu no currículo, como também deixou de ser considerada apenas atividade educativa e seu ensino tornou-se componente obrigatório na Educação Básica (BRASIL, 1996).

Com a proposta e criação dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) em 1997, a partir da LDB, a arte se fortalece no âmbito educacional. Os PCNs (1997) eram usados como suporte na elaboração dos currículos escolares, e os conteúdos eram norteados por três eixos: produzir, apreciar e contextualizar. “Os parâmetros enfatizam o ensino e aprendizagem de conteúdos que colaboram para a formação do cidadão, buscando igualdade de participação e compreensão sobre a produção nacional e internacional de arte” (BRASIL, 1997, p. 41).

Em 2017, elaborado a partir dos PCN, outro documento normativo entrou em vigor, e com isso, novas atribuições ao ensino da Arte foram apresentadas, a BNCC (2017) passou a nortear as escolas públicas e privadas, tornando-se documento obrigatório na elaboração dos currículos escolares.

A BNCC (2017) apresenta com clareza os objetivos da aprendizagem a serem atingidos e apresenta uma nova perspectiva do ensino de Arte, apontando que este ensino “deve assegurar

aos alunos a possibilidade de se expressar criativamente em seu fazer investigativo, por meio da ludicidade, propiciando uma experiência de continuidade em relação a educação infantil” (BRASIL, 2017, p. 197). Desse modo, a BNCC (2017) amplia as possibilidades, tornando oportuna a interação de professor e estudante nas formas de produzir arte individuais e coletivas.

Nesse cenário, a BNCC (2017) considera alguns pontos relevantes quanto a formação do educando, haja vista, que neste contexto, o estudante não é um sujeito passivo, mas, protagonista, ou seja, que participa, que também domina e reflete nesse percurso de ensino aprendizagem:

Tendo em vista o compromisso de assegurar aos alunos o desenvolvimento das competências relacionadas à alfabetização e ao letramento, o componente Arte, ao possibilitar o acesso à leitura, à criação e à produção nas diversas linguagens artísticas, contribui para o desenvolvimento de habilidades relacionadas tanto à linguagem verbal quanto às linguagens verbais (BRASIL, 2017, p. 197).

O componente Arte está organizado em 4 unidades temáticas: Artes visuais, dança, música e teatro. Cabe ressaltar que cada unidade temática possui alguns objetos de conhecimento que estão relacionados às habilidades de Artes destacadas na BNCC (2017). Tais habilidades são meios que oportunizam que as competências possam ser alcançadas e desenvolvidas na criança ao longo do ensino e aprendizagem em Arte, e estão divididas em duas fases, a de 1° ao 5° ano denominada por anos iniciais, e 6° ao 9° ano, que são considerados os anos finais (BRASIL, 2017).

Assim sendo, a BNCC (2017) apresenta novas perspectivas, dando margem a um ensino que valorize as experiências das crianças. Nessa circunstância, o professor carece de uma formação aprimorada, que o torne apto a dinamizar suas aulas, beneficiando-se das experiências de seus alunos no desenvolvimento de suas atividades.

Concepção de Arte e seu ensino nas políticas educacionais

Alguns filósofos conceituam a arte de acordo com o tempo em que estão vivenciando, porém, conceituar arte é muito complexo como já fora abordado anteriormente. Segundo Abbagnano apud (CESCHINI, 2018), arte designa todo conjunto de regras capaz de dirigir uma atividade humana.

Considerando tal relevância, a partir da década de 90, “se intensificaram as ações no sentido de ajustar as políticas educacionais ao processo de reforma do estado brasileiro” (FONSECA, 2001, p. 15). Nesse viés, a LDB aponta que um dos deveres do estado é “elaborar e executar políticas e planos educacionais, em consonância com as diretrizes e planos nacionais de educação, integrando e coordenando as suas ações e as dos seus municípios” (BRASIL, 1996).

E com a necessidade de tornar o ensino de Arte assegurado dentro das escolas, políticas foram adotadas. Em 1988, com a promulgação da Constituição começaram então, as discussões a respeito da nova LDB 1996, que fora sancionada alguns anos depois.

A nova LDB, Lei nº. 9.394/96 no seu artigo 26, no seu parágrafo 2°, estabeleceu que o ensino da Arte constituísse “componente curricular obrigatório, nos diversos níveis da educação básica, de forma a promover o desenvolvimento cultural dos alunos” (BRASIL, 1996). Nesse momento, houve um grande avanço com relação ao entendimento da arte na formação do indivíduo.

Frente a este cenário, que se chegou ao final da década de 90, a democratização do ensino da Arte ainda titubeava frente a algumas mudanças e fragilidades. Nesse contexto, a Arte no âmbito educacional deixou sua identidade de Educação Artística e passou a ser chamada de Arte e também foi incluída na estrutura curricular como uma área com seus próprios conteúdos (BRASIL, 1997).

Apesar dessa lei estabelecer a obrigatoriedade desse ensino na educação básica, Magalhães (2002) expressa a sua preocupação com o ensino da Arte no Brasil, ao afirmar que essas fragilidades estão ligadas a falta de recursos humanos, a inexperiência pedagógica, e a aceitação, pois muitas vezes não são feitos questionamentos, com o intuito de levar os órgãos responsáveis a repensarem sobre o papel da Arte dentro do ambiente escolar.

Quanto a estas debilidades apontadas por Magalhães, os PCNs (1997) apontam para a falta de formação do professor.

Muitos professores não estavam habilitados e, menos ainda, preparados para o domínio de várias linguagens, que deveriam ser incluídas no conjunto das atividades artísticas (Artes plásticas, Educação Musical, Artes Cênicas). [...] A Educação Artística demonstrava, em sua concepção e desenrolar, que o sistema educacional vigente estava enfrentando dificuldades de base na relação entre teoria e prática (BRASIL, 1997, p. 24).

Diante desse comentário, é estarrecedor o fato de que a situação permanece no documento das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) que são normas que tem por objetivo orientar os currículos das escolas. Nota-se isso, ao lermos:

Art.31 Do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, os componentes curriculares Educação Física e Arte poderão estar a cargo do professor de referência da turma, aquele com o qual os alunos permanecem a maior parte do período escolar, ou de professores licenciados nos respectivos componentes (BRASIL, 2013, p. 137).

Mediante essa afirmativa, compreendemos que a formação do professor em Arte não era algo a ser considerado, haja vista, que as aulas podem ser ofertadas pelo professor de referência da turma, que em dadas circunstâncias, não tinham capacitação para lecionar essa respectiva disciplina. Concomitante a isso, a BNCC (2017), que atualmente é o documento mais atualizado nas escolas quanto ao regimento dos currículos, enfatiza que esse ensino é essencial, apesar de ser visto de modo superficial por uma perspectiva de que não apresenta muitas contribuições à formação dos sujeitos.

O componente curricular contribui, ainda, para a interação crítica dos alunos com a complexidade do mundo, além de favorecer o respeito às diferenças e o diálogo intelectual, pluriétnico e plurilíngue, importantes para o exercício da cidadania. A arte propicia a troca de culturas e favorece o reconhecimento de semelhanças e diferenças entre elas (BRASIL, 2017, p. 191).

Fundamentos e propostas do ensino de Arte sob a perspectiva da BNCC (2017)

No que se refere à BNCC (2017), o próprio documento a define como sendo “de caráter normativo que define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica” (BRASIL, 2017, p. 7).

No presente capítulo, busca-se aprofundar um pouco mais a respeito do ensino de Arte nos anos iniciais pelo fato de englobar o 3º ano, nível escolar sobre o qual esta pesquisa se debruça. Nesse aspecto, apontamos que a BNCC (2017) traz várias possibilidades para que o professor trabalhe com as crianças formas de produção e elaborações artísticas.

De início, aponta-se para o fato de que o componente curricular Arte está dividido nas seguintes linguagens: Artes Visuais, Dança, Música, e o Teatro. “Essas linguagens articulam saberes referentes a produtos e fenômenos artísticos e envolvem as práticas de criar, ler, produzir, construir,

exteriorizar e refletir sobre formas artísticas” (BRASIL, 2017, p. 191). Desse modo, compreende-se que tais linguagens artísticas propiciam um melhor aprofundamento quanto a aprendizagem em Arte.

Nesse sentido, a prática de criar vem como um verbo que possibilita que as crianças criem e vivenciem coisas. Ela aparece disseminando, de certa forma, como é importante a criança participar, pois ela não é apenas ouvinte, mas é um ser ativo, que também possui ideias para acrescentar aos conhecimentos apreendidos.

No que tange a prática de ler nas aulas de Arte, ela se configura em um sentido mais amplo, voltado para a leitura de manifestações artísticas, leituras de obras artísticas e outros. Enquanto que o produzir e o construir estão voltados para a construção de fazeres artísticos, que parte também da criatividade do professor para a elaboração e projeção de ideias, conforme prevê a BNCC (2017).

Além dessas práticas, a BNCC (2017) apresenta o verbo exteriorizar, que está relacionado à expressão da criança por meio de manifestações verbais ou não verbais. No que se refere às linguagens, às Artes Visuais são resultados de produções artísticas, sendo atuais ou não, que de certa forma carregam uma bagagem cultural. A expressão visual é o principal elemento de comunicação.

As Artes visuais possibilitam aos alunos explorar múltiplas culturas visuais, dialogar com as diferenças e conhecer outros espaços e possibilidades inventivas e expressivas, de modo a ampliar os limites escolares e criar novas formas de interação artística e de produção cultural, sejam elas concretas, sejam elas simbólicas (BRASIL, 2017, p. 193).

A dança implica o movimento do corpo que, por sua vez, quando inserida nas aulas de Arte, essa relação entre corporeidade e produção estética possibilita que as crianças ampliem as visões do mundo, além de expandirem a percepção de si mesmas, acerca do corpo, por meio da prática (BRASIL, 2017).

No tocante à unidade temática Música, pode-se dizer que ela está relacionada aos sons. “A ampliação e a produção dos conhecimentos musicais passam pela percepção, experimentação, reprodução, manipulação e criação de materiais sonoros diversos [...]” (BRASIL, 2017, p. 194). Assim sendo, a música como parte de instrumento de aprendizagem contribui para que a criança conheça a diversidade de saberes musicais, mesmo os mais distantes de sua cultura, possibilitando que ela participe ativamente na sociedade, através dos conhecimentos adquiridos.

Por essa sequência, temos ainda o Teatro, que é uma unidade temática envolto de questões relacionadas a expressões artísticas, de encontro com o outro. Através do corpo, a criança se expressa, transmite sentimentos e sensações.

Além disso “o fazer teatral possibilita a intensa troca de experiências entre os alunos e aprimora a percepção estética, a imaginação, a consciência corporal, a intuição, a memória, a reflexão e a emoção” (BRASIL, 2017, p. 194). Assim sendo, por meio de situações coletivas, através de interações, improvisação, encenação, jogos, a criança amplia sua experiência artística.

Além dessas linguagens, a BNCC (2017) apresenta ainda uma última unidade temática, que são as Artes Integradas, que explora as diferentes linguagens e abre espaço para o uso de novas tecnologias (BRASIL, 2017). Cada unidade temática contém alguns objetos de conhecimento, que se relacionam com as habilidades, que enfim, refletem as 9 (nove) competências específicas de Arte para o ensino fundamental.

As unidades temáticas e habilidades são organizadas da seguinte forma (1º ao 5º ano e 6º ao 9º ano). E, embora, saliente-se que este trabalho faça menção do ensino de Arte em turmas de 3º ano, é ao longo de todo Ensino Fundamental que a criança constrói sua poética e amplia seus conhecimentos artísticos e estéticos.

Ao longo do Ensino Fundamental, os alunos devem expandir seu repertório e ampliar sua autonomia nas práticas artísticas, por meio da reflexão sensível, imaginativa e crítica sobre os

conteúdos artísticos e seus elementos constitutivos e também sobre as experiências de pesquisa, invenção e criação (BRASIL, 2017, p. 195).

As temáticas apresentadas reúnem objetos de conhecimento que são articulados a 6 (seis) dimensões: Criação; Crítica; Estesia; Expressão; Fruição e reflexão. Tais dimensões buscam facilitar o processo de Ensino Aprendizagem em Arte (BNCC, 2017). Dessa maneira, conforme aponta a BNCC (2017) a criação se refere ao ato da criança fazer, elaborar. A crítica se refere à ação de impulsionar as crianças a compreender o espaço em que vivem e atuar nele. A dimensão da estesia é uma novidade na Base, e está ligada ao mundo da percepção e a experiência sensível do sujeito.

A expressão refere-se ao ato de transmitir de alguma forma as criações artísticas, enquanto a fruição se refere à apreciação, ao envolvimento com o objeto artístico. E, a última dimensão a ser discutida trata-se da reflexão, que diz respeito ao processo de construir argumentos sobre os processos criativos, haja vista, que o projeto de Arte, não terá sentido, se não houver momentos reflexivos, em que a criança possa refletir a respeito do que foi elaborado por ela, ou pelos seus colegas, como também defende Barbosa (2012).

Os objetos de conhecimento dão abertura para serem trabalhadas as habilidades, que por sua vez, são compostas por verbos que reforçam a prática de Arte nas escolas, de modo a oportunizar as formas de criação coletivas e individuais. Através dessas habilidades são desenvolvidas emoções, sensibilidades, sensações e inúmeras possibilidades de transformar e exteriorizar essas experiências em uma forma poética e artística (BRASIL, 2017).

À vista disso, depreende-se que a Base (BRASIL, 2017) no que concerne o ensino de Arte, valoriza as experiências dos alunos e deve garantir o desenvolvimento de algumas competências específicas. As competências voltam-se para o reconhecimento da arte como um fenômeno cultural, histórico e social, adquirindo conhecimento para dialogar com as diversidades presentes. Também se espera que a criança compreenda as relações entre as linguagens de Arte e a sua prática.

Além do mais, através delas, se espera que os educandos conheçam a identidade que se manifesta nas culturas, bem como desenvolver a percepção, expressividade e imaginação. Ainda nesse sentido, é competência específica de Arte para o Ensino Fundamental registro, pesquisas e criação, mobilizando os recursos tecnológicos (BRASIL, 2017).

Por meio dessas propostas, similarmente também será garantido às crianças que ela possa compreender a circulação de arte presente na sociedade. Tal como a problematização de algumas questões e abertura para que se trabalhe a autonomia das crianças. E ainda oportunizará que os estudantes tenham consciência da importância dos patrimônios culturais artísticos, conhecendo suas histórias para que saibam que é de grande relevância valorizá-los e preservá-los (BRASIL, 2017).

Metodologia da pesquisa

Nos primeiros capítulos, foram apresentados dados relevantes concernentes à estrutura da pesquisa, no que se refere ao tema, ao objeto, à problemática, às hipóteses e aos objetivos. Por isso, dando prosseguimento a esses dados, este capítulo trará as informações que foram coletadas, relacionadas ao ambiente pesquisado, que se trata de escolas da Rede Municipal, ao perfil dos professores que responderam ao questionário e ao resultado dos dados que se obteve através de suas respostas.

Para não expor os nomes dos participantes da pesquisa, eles serão representados por números, mesmo assim é importante frisar que todos os participantes aceitaram participar da pesquisa e concordaram com a exposição de suas falas. Todos atuam na rede municipal de Linhares como professores de Arte no ensino fundamental I, em turmas de 3º ano. Dos 5 professores, 4 são do sexo feminino e 1(um) do sexo masculino, a faixa etária é de 30 a 44 anos de idade.

Em relação à formação desses participantes, o professor 1 é pós-graduado, mas não mencionou a área, leciona a disciplina de arte há 18 anos, frequentemente costuma ir à biblioteca. Ao questionar-se qual é o seu contato com a arte, o professor 1 respondeu “todo contato. Sou professora no matutino e vespertino”. O professor 2 leciona a disciplina de arte a 5 anos, é mestre em educação e formado em ciência e tecnologia. Sobre seu contato com a arte em seu dia a dia,

nos respondeu que sempre busca participar de exposições e quando é possível pesquisa na internet buscando sempre estar atualizado e frequentemente adquire livros.

O professor 3 leciona a disciplina de arte há 3 anos, possui formação em artes visuais, afirmou que seu contato com a arte é a sala de aula, as pinturas em tecido, telas e tudo que faz parte de seu cotidiano. Sempre que é divulgado na cidade, costuma frequentar teatros e apresentações culturais. O professor 4 é licenciado em música com especialização em arte na educação e música, é professor de arte há 8 anos e eventualmente costuma adquirir livros e frequentar a biblioteca. Ao ser indagado sobre o seu contato com a arte em seu dia a dia, ele nos mencionou que a arte está presente em seu trabalho, através da música, das pinturas e artesanato. O professor 5 leciona a disciplina de arte há 20 anos e relatou que a arte faz parte de seu cotidiano, frequentemente realiza visitas à biblioteca para adquirir alguns livros, sua formação é em história e arte.

Análise dados coletados

Quadro 1. Como a Arte é trabalhada na rotina das aulas?

Professor 1: Tento sempre inovar
Professor 2: Sempre sigo o currículo e o plano de ensino, e aplico metodologia onde o aluno possa expressar a arte através de desenhos, teatros, dança dentre outros.
Professor 3: Teoria e prática pra ² uma aula mais dinâmica.
Professor 4: Trabalhando com o que proposto no plano de ensino, buscando adequar novas técnicas de arte com novas tendências que vem surgindo no nosso cotidiano.
Professor 5: Produções artística.

Fonte: Dados da pesquisa.

Nota-se que de acordo com as respostas dadas acerca de como a arte é trabalhada nas aulas, 2 dos 5 professores disseram que usam o currículo para basear a sua metodologia, buscando oferecer às crianças novas formas de se expressar. Os demais afirmaram que buscam inovar e trabalham por meio de produções artísticas, bem como práticas para uma aula mais dinâmica, embora não tenham dito de qual forma essas práticas e produções acontecem.

Compreendendo o ensino de Arte e o papel do educador na sala de aula, Ferraz e Fusari (1999) salientam é fundamental que eles tenham domínio do planejamento e busquem formação continuada para articular seus conhecimentos e aperfeiçoar seus saberes artísticos.

As autoras complementam ainda que “é muito importante que o professor conheça e saiba organizar a graduação dos assuntos no âmbito do fazer e apreciar a arte. E saiba também propor atividades que propiciem vivências de ensino e aprendizagem dos mesmos” (FERRAZ; FUSARI, 1999, p. 20).

Quadro 2. Recursos que os professores utilizam para explorar o fazer artístico das crianças.

Professor 1: Materiais diversos que esteja no meu alcance e das crianças.
Professor 2: Sempre o que a escola disponibiliza folha de papel A4, massinha, materiais recicláveis, depende do conteúdo que aplico em sala de aula e da metodologia que será aplicada. E sempre peço para as crianças levar para as aulas, elementos do cotidiano quando será trabalhado o mosaico.
Professor 3: Tinta, lápis de cor, giz de cera massa de modelar, argila, material reciclável etc.
Professor 4: Materiais destinado pela escola e outros como, sucatas, jornais, revistas, tinta guache, papeis reciclados, garrafas pers etc. E solicito que as crianças levem quando há necessidade para uma aula mais elaborada e quando não temos esse material na escola.
Professor 5: Geralmente faço uso dos recursos convencionais, alternativos e digitais.

Fonte: Dados da pesquisa.

² Optou-se por manter os desvios linguísticos nas respostas apresentadas pelos participantes objetivando assegurar a idoneidade da pesquisa.

Diante dos resultados, compreende-se que todos os professores fazem uso dos recursos convencionais e em grande parte utilizam os materiais que são disponibilizados pela escola. Em diálogo com essas afirmativas, Ferraz e Fusari (1999, p. 49) apontam que “é bastante enriquecedor solicitar que as crianças levem para a escola, por exemplo, elementos que se refiram a um determinado assunto de arte a ser trabalhado”. Contudo, diante das respostas, nota que tais recursos só são solicitados em “aulas mais elaboradas”.

Quadro 3. Linguagens Artísticas trabalhadas com as crianças.

Professor 1: Criação, música, dança, etc.
Professor 2: Releitura de desenhos, teatro, dança, depende da metodologia e do conteúdo a ser aplicada.
Professor 3: Artes visuais, música, teatro e dança.
Professor 4: Artes visuais, música, teatro e dança.
Professor 5: As quatro linguagens: Artes visuais, teatro, dança e música.

Fonte: Dados da pesquisa.

De acordo com a BNCC (BRASIL, 2017, p. 191) “no Ensino Fundamental, o componente curricular Arte, está centrado nas seguintes linguagens: as Artes visuais, a Dança, a Música e o teatro”. Essas são as 4 (quatro) linguagens artísticas presentes no componente curricular de Arte e, por meio das respostas recebidas, notamos que 3 professores têm o conhecimento do termo, e os aplica conforme a BNCC (2017) preconiza. No entanto, 2 deles usaram a terminologia de forma incoerente, não demonstrando nesse sentido, conhecimentos técnicos ao que se refere a alguns conceitos de arte.

Assim sendo, é de suma importância que as atividades disponibilizadas pelo professor de Arte contemplem tais linguagens, com a finalidade de desenvolver práticas artísticas nos estudantes, bem como o entendimento das várias formas de manifestações da Arte que se fazem presentes em seu meio.

Em suma, as autoras Ferraz e Fusari (1999, p. 21) dialogam com essa narrativa, ao afirmarem que o professor que leciona a disciplina de Arte, precisa estar atento a alguns aspectos que a criança precisa desenvolver.

Nessa concepção, sequenciar atividades pedagógicas que ajudem o aluno a aprender a ver, olhar, ouvir, pegar, sentir, comparar os elementos da natureza e as diferentes obras artísticas e estéticas do mundo cultural, deve contribuir para o aperfeiçoamento do aluno.

Assim, compreende-se que as linguagens artísticas oferecem oportunidades para que atividades sejam trabalhadas propiciando que esses aspectos sejam desenvolvidos.

Quadro 4. De qual forma as crianças se expressam artisticamente nas aulas?

Professor 1: Através da criatividade.
Professor 2: Através da pintura, desenhos, releitura de imagens, teatro, dança e confecção de histórias em quadrinhos.
Professor 3: Com seus trabalhos práticos.
Professor 4: Através da pintura, seja com lápis de cor, giz de cera ou tinta guache, gravuras, criação próprias de desenhos, pequenas dramatizações e canto coral.
Professor 5: Como produtor do seu fazer artístico.

Fonte: Dados da pesquisa.

A arte contribui para a expressividade da criança, e, dessa maneira, ela poderá ver o mundo de outra forma. Com relação a isso, os PCNs (1997) reiteram que ensinar arte com a arte é o caminho

mais eficaz para que as crianças se expressem artisticamente (BRASIL, 1997). Por isso, considera-se que para que a expressividade ocorra, de forma a valorizar os conhecimentos que a criança possui para exterioriza-los, o professor assume, um papel fundamental nesse processo.

O maior compromisso do professor é, portanto, adequar o seu trabalho para o desenvolvimento das expressões e percepções infantis, que assim vão configurar-se em grandes problematizações do curso de Arte. [...] Sentir, perceber, fantasiar, imaginar, representar, fazem parte do universo infantil e acompanham o ser humano por toda a vida (FERRAZ; FUSARI, 1999, p. 56).

Os professores participantes responderam em grande maioria que as crianças se expressam artisticamente em suas aulas através de atividades práticas que envolvem desenhos, pinturas, gravuras e outras atividades que se relacionam. Salienta-se que alguns professores não responderam de forma específica, de modo que não compreendemos de fato, de qual forma os seus docentes se expressam. O professor 5 por exemplo, afirmou que essa expressividade ocorre “como produtor de seu fazer artístico”, que de forma ampla nos dá várias possibilidades, embora, não se compreende de fato a qual fazer artístico o professor se refere.

Quadro 5. Você trabalha com os alunos o ensino da Arte em ambientes fora da sala de aula? Se sim, conte um pouco de sua experiência.

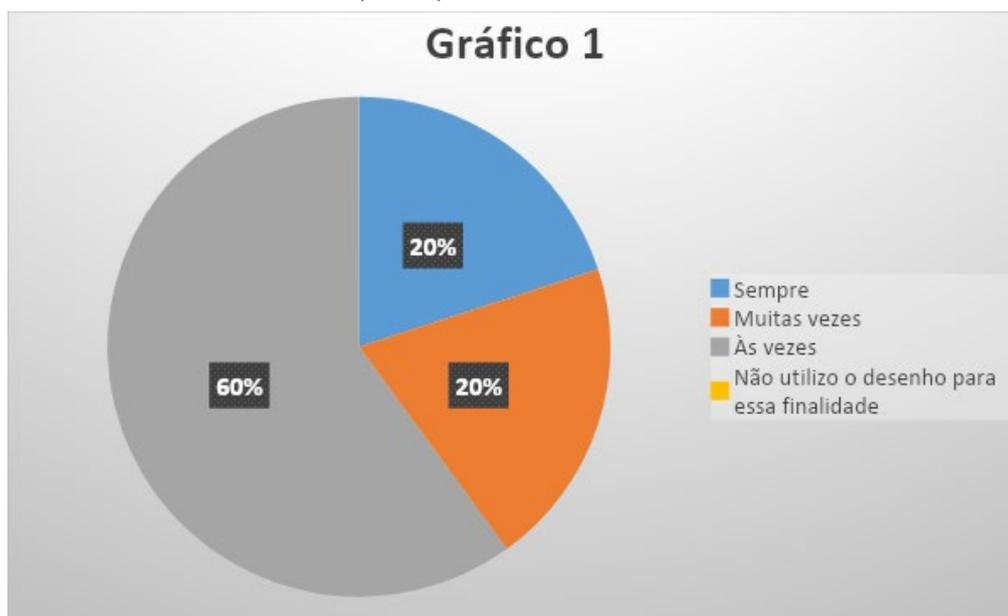
Professor 1: Não
Professor 2: Sim, pintura ao ar livre, ensaio e apresentação de teatro, entre outras. As aulas ficam mais prazerosas e os alunos se envolvem mais com a metodologia proposta.
Professor 3: Sim. Trabalhei luz levando para o pátio onde puderam ver na prática, deixando a aula mais dinâmica, peguei o momento e introduz a fotografia trabalhando luz, ângulo, movimento.
Professor 4: Sim. Trabalho de campo, como pintura de estêncil, montagem de painéis artísticos ou culturais, ensaios para peças teatrais e para apresentações musicais.
Professor 5: Sim! Tem conteúdos que o espaço aberto é mais produtivo. É muito bom!

Fonte: Dados da pesquisa.

Conforme o que os professores afirmaram, com respeito a levar seus alunos para desenvolver atividades fora da sala de aula, dos 5 (cinco) participantes, apenas 1 (um) afirmou que ainda não vivenciou essa experiência. Em espaços fora da sala de aula existem várias formas da criança interagir com o outro, assimilar coisas novas e exercer práticas diferentes, pois a natureza que a circunda, oferece-lhe uma infinidade de experiências visuais e sonoras. Concernente a isso, Ferraz e Fusari (1999, p. 41) evidenciam que “cada objeto, cada elemento de seu cotidiano é uma nova experiência que o mundo lhe oferece e frente a qual ele atua”.

São muitas as aprendizagens de Arte que podem ser desenvolvidas fora da sala de aula e, mesmo que muitas vezes a escola não possua recursos para viagens, visitas em museus, teatros ou outros lugares onde a crianças possam observar a arte de uma maneira diferente, mesmo em escola, existem muitas possibilidades para ampliar o repertório cultural e artístico dos estudantes, considerando que a arte é muito ampla, e se faz presente em toda parte, para ficar limitada a uma sala de aula.

Gráfico 1. Uso do desenho para representar as datas comemorativas.



Fonte: Dados da pesquisa.

Ao serem indagados acerca da utilização do desenho para representar as datas comemorativas, 20% dos professores revelaram utilizar sempre com essa finalidade. Enquanto que 60% utilizam às vezes e, ainda, outros 20%, muitas vezes. O gráfico demonstra também que dos participantes, todos eles, utilizam ou já utilizaram o desenho com esse viés, haja vista, que nenhum optou por escolher a opção “não utilizo o desenho para essa finalidade”.

Diante dos resultados, compreendemos a importância do desenho no desenvolvimento da criança, no entanto, a preocupação gira em torno de quando ele sempre ou muitas vezes está atrelado a essa função de representação de datas comemorativas sem consciência. Visto que, quando ele não é aplicado com intencionalidade e todos os anos da mesma maneira, torna-se uma atividade monótona e condicionada.

Por isso, Cavalcanti (1995) aponta que modelos de desenhos que são reproduzidos através de esquemas assimilativos, a sua prática se torna repetitiva e como consequência formam crianças dependentes de esquemas estereotipados.

Quadro 6. Aplicação de atividades com base em desenhos que seguem um padrão para todos da turma e o uso de recursos tecnológicos em sala de aula.

Professor 1: Sim. Obras de alguns pintores.
Professor 2: Nas atividades que envolvem de desenho gosto trabalhar releituras de quadros de artistas renomados nacionais e internacionais, sempre seguindo o plano de ensino da turma. Quanto aos recursos tecnológicos em sala de aula apenas faço uso o data show DVD pois são os recursos q a escola disponibiliza.
Professor 3: Não. Sim utilizo multimídia
Professor 4: Sim. Os recursos tecnológicos muitas vezes não tem em nossas escolas, mas trabalhamos fotografia, pois temos em nossas mãos uma ótima ferramenta de trabalho, que é o celular.
Professor 5: Depende do conteúdo trabalhado. Recursos tecnológicos? Quando a escola tem.

Fonte: Dados da pesquisa.

De acordo com as informações coletadas, 4 dos 5 professores alegaram trabalhar com desenhos que seguem um padrão, isto é, disponibilizar o mesmo desenho para que as crianças reproduzam. E, diante dos dados apresentados, somente 1 professor afirmou não utilizar os desenhos nessa dinâmica.

Com relação a esses aspectos, Cavalcanti (1995) aponta que quando os desenhos são trabalhados dissociadamente, ou seja, produzidos fora do cotidiano da criança, empobrece-se o seu desenvolvimento. Não obstante, o desenho de toda forma estimula a criança, no entanto, a criança amplia seu repertório artístico e cultural de forma criativa e inovadora, quando ela não se limita a imagens padronizadas.

O desenho se torna um grande aliado na construção e criação quando o estudante tem o domínio sobre ele, para criar, construir e inovar, “mas o que a maioria dos professores lhes propõe são reproduções de desenhos estereotipados, que as crianças devem colorir mecanicamente, perturbando seus próprios processo gráficos em desenvolvimento” (FERRAZ; FUSARI, 1999, p. 113). Considerando ainda que cada criança vive em realidades diferentes, desenhar a partir de desenhos padronizados, possam ser que esses desenhos façam sentido para uns, mas não para outros, pois são realidades diferentes, limitando então que ela possa refletir sobre ele.

E quanto aos recursos tecnológicos, em conformidade com as respostas obtidas, compreendemos que a escola deixa lacunas nesse sentido. As respostas indicam que só utilizam quando a escola disponibiliza, mais comuns os recursos de multimídia como citado. Diante do exposto, essa realidade encontrada nos ambientes escolares, de diferentes escolas da rede Municipal de Linhares, vai ao encontro com o que Barbosa (2012, p. 129) declara:

O uso de novas tecnologias na escola se faz, tradicionalmente, com alguma defasagem em relação ao aparecimento. [...] na maioria das vezes, porém, a escola se apropria das tecnologias desenvolvidas com o mesmo enfoque tradicional de supremacia do texto em detrimento a imagem.

O professor 4, por sua vez, declara utilizar o aparelho celular, que é um recurso que as crianças têm em mãos e pode ser um ótimo aliado, se usado da maneira correta para fins educativos dentro da sala de aula. É competência específica de Arte na BNCC para o Ensino Fundamental “mobilizar recursos tecnológicos como formas de registro, pesquisa e criação artística” (BRASIL, 2017, p. 196), considerando que os recursos tecnológicos são de grande valia para a aprendizagem em Arte, nas salas de aula.

Quadro 7. Metodologia constituída a partir do cotidiano e do contexto em que as crianças estão inseridas.

Professor 1: Sim
Professor 2: Sim.
Professor 3: Sim
Professor 4: Sim. Sempre procuro levar em consideração a realidade dos alunos e pedir o que está no alcance deles.
Professor 5: Sim

Fonte: Dados da pesquisa.

Ao serem questionados acerca da metodologia utilizada, todos os professores afirmaram que utilizam uma metodologia a partir do cotidiano em que os estudantes estão inseridos, o professor 4 ainda complementa dizendo que leva em consideração a realidade dos alunos. Diante deste fato, sabemos que trabalhar com essa metodologia é de suma importância para estimular o aprendizado em sala de aula, baseando-se no interesse dos estudantes, em relação ao que eles vivenciam e entendem.

Com relação a isso, Ferraz e Fusari (1999, pp. 42-43) dialoga que é na cotidianidade que os conceitos sociais e culturais são construídos pela criança, é evidente também que a criança já vivencia a arte produzida pelos adultos, presente em seu cotidiano. É óbvio que essa arte exerce vivas influências estéticas e artísticas na criança. Assim, compreende-se a importância de se trabalhar com as crianças a partir do contexto e realidade que elas estão incorporadas, reconhecendo os

conhecimentos prévios que os estudantes possuem.

Quadro 8. Em sua metodologia, você tem o hábito de registro, a partir da elaboração de roteiros pessoais ou grupais, que contenham anotações a respeito do seu modo de trabalhar arte junto aos alunos? Se sim, compartilhe isso com os colegas de profissão?

Professor 1: As vezes. Sim, coloco as atividades no instagram da escola.
Professor 2: Sim, mas nem todos
Professor 3: Não, preciso trabalhar nisso, fico tão envolvida que muitas vezes esqueço de tirar até fotos
Professor 4: sim. As aulas são sempre planejadas antecipadamente, visando o desempenho e o aprendizado dos alunos. Após as atividades feitas, há um registro da atividades através de fotografias.
Professor 5: sim. Para que nossos alunos tenha responsabilidade e compromisso.

Fonte: Dados da pesquisa.

Com relação à elaboração de roteiros pessoais e grupais para registro das atividades, até mesmo os PCNs (1997) de Arte, que é um documento normativo das escolas, já se fazia menção desse instrumento, tão enriquecedor nas aulas de Arte. “Tais registros desempenham um papel importante na avaliação e desenvolvimento do trabalho, constituindo-se em fontes e recursos para articular a continuidade das aulas” (BRASIL, 1997, p. 71).

Assim sendo, os registros de elaboração teatrais mencionados em nosso questionário, se referem a formas que o professor poderá estar adquirindo para acompanhar o desenvolvimento das crianças, de forma a auxiliar suas aulas.

É importante que o professor se habitue à prática profissional de elaborar roteiros pessoais ou grupais (em cadernos, fichas) que contenham anotações, resumos, croquis sobre arte, bem como sobre os modos de trabalhar o conhecimento da arte junto aos alunos. Acredita-se que este hábito de registro ajuda o professor a acompanhar, analisar, pesquisar, avaliar, aperfeiçoar o seu trabalho docente e até discutir e partilhar com os colegas de profissão (FERRAZ; FUSARI, 1999, p. 101).

Teoricamente, essa proposta de registro nas aulas de Arte é bem comum, entretanto, os 5 professores participantes a interpretaram de outra maneira, possivelmente pelo fato de desconhecerem o termo e a importância de tais registros. Todos eles responderam que fazem o registro como forma de fotografar as atividades que estão sendo desenvolvidas pelas crianças, o professor 1 ainda complementou que publica as fotos no *Instagram* na escola.

Compreende-se, então, que os registros feitos por eles, não possuem o desígnio de serem usados para acompanhar o progresso ou regresso do estudante, ou até mesmo verificar o que precisa ser aprimorado em suas aulas.

Quadro 9. Comente sobre a importância e em quais aspectos a disciplina de Arte poderá contribuir na formação da criança.

Professor 1: A disciplina é muito importante, além de desenvolver o cotidiano o aluno torna se crítico e construtivo de conhecimento.
Professor 2: A arte é extrema importância na educação infantil e anos iniciais, ajuda a criança a iniciar a coordenação motora, ao desenhar ela faz comparação do seu mundo, por meio da percepção, adquirindo novos conhecimentos para a vida.
Professor 3: A arte ajuda no desenvolvimento da criatividade, expressar emoção, percepção, da coordenação motora, da interação social. Ajuda na formação como um todo, a arte permite a ação entre o cognitivo e o afetivo, ajudando em outras disciplinas e na vida
Professor 4: O ensino de arte desperta o senso crítico e criativo das crianças. Através da arte elas expressam suas emoções, seja numa pintura, numa dança ou na música.

Professor 5: Além de contribuir com a formação da criança e muitas vezes aflora suas habilidades e suas criatividades.

Fonte: Dados da pesquisa.

Diante das respostas apresentadas pelos professores, no que diz respeito à importância da arte, compreende-se que a arte contribui na formação e desenvolvimento do indivíduo. Embora, as respostas estejam diferentes, elas se relacionam entre si e apresentam a contribuição da Arte no seu real sentido. Nesse seguimento, Barbosa (2012, p. 19) expõe:

Por meio da arte é possível desenvolver a percepção e a imaginação, apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo ao indivíduo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada.

Em síntese, a arte “[...] é o elo que faz o ser humano ligar-se à vida” (FERRAZ; FUSARI, 1999, p. 67). Dessa maneira, ela contribui significativamente para que a criança tenha noção da ambiência que está inserida, através da arte a criança também desenvolve aspectos como percepção, expressividade, ampliação do repertório cultural, por meio da arte a criança aprimora os seus pensamentos e adquire habilidades para que possa mobiliza-los para o exterior. Além de contribuir em inúmeros outros aspectos, como citados no decorrer do trabalho e no quadro pelos professores.

Por isso, ressalta-se a necessidade de aulas com intencionalidade, para que esses aspectos sejam trabalhados com afinco, pois é sabido que sozinha, nem sempre a criança conseguirá obter esses resultados, conquanto na escola o professor poderá auxiliá-la, contribuindo para a sua formação e evolução.

Considerações Finais

Esta pesquisa propiciou conhecer um pouco mais sobre a trajetória do ensino da Arte, e as relações que essa área assume na cotidianidade dos indivíduos, aqui retratado em destaque, a criança. Permitiu também explorar as metodologias dos professores de Arte e provocar indagações acerca dos desafios que ainda permeiam o processo de ensino aprendizagem em Arte, assim também como os que já foram superados.

A elaboração deste projeto surgiu a partir de inquietações que foram despertadas ao decorrer do estágio supervisionado da faculdade, que foi realizado em uma escola Municipal de Linhares, e também a partir de vivências enquanto alunas da Educação Básica, que proporcionaram um processo de reflexões acerca do ensino da Arte.

Partindo disso, foram realizadas algumas pesquisas acerca do tema para aprimorarmos melhor o conhecimento sobre a história da Arte, bem como seus conceitos, e o que a envolve fora e dentro do contexto escolar, que foram primordiais para tornar o processo do ensino da Arte mais claro e compreensível para a elaboração do tema e objetivos a serem abordados, que ao decorrer da pesquisa tiveram de ser reelaborados em razão da pandemia, pois o tipo de pesquisa teve que ser adaptado com o intuito de conseguirmos alcançar o objetivo inicial, apesar de não se ter assistido às aulas nas escolas para que pudessem ser feitas as devidas observações.

Assim sendo, os dados apresentados são afirmações apresentadas pelos professores que chegaram às investigadoras por meio dos questionários, no entanto, não possuem a observação empírica, o que limitou a análise. Dessa forma, lamenta-se não se ter ido ao ambiente escolar, para que assim, pudesse-se apresentar uma conclusão mais robusta.

Apesar disso, a pesquisa bibliográfica confirma a hipótese apresentada na metodologia, que apontava que as aulas de Arte estavam centradas em uma metodologia tradicionalista, com a ausência de métodos inovadores, e predominância de informações mecanicistas e atividades padronizadas sem reflexões e de repetição desvinculadas da cotidianidade das crianças, e em consequência disso, as aulas se tornavam monótonas e sem significado. Haja vista, que ao

desenrolar do trabalho, nota-se que os pensamentos dos autores citados, vão ao encontro com essa ideia apresentada.

Todavia, a hipótese foi confirmada apenas em partes, pois, ao analisar-se as repostas obtidas pelos participantes (professores), nota-se que eles utilizam em sua metodologia recursos, e alguns desses trazidos pelas próprias crianças para o seu fazer artístico. Os dados afirmam ainda que eles buscam maneiras de dinamizar as suas aulas, bem como compreendem a importância de elas estarem atreladas a cotidianidade dos educandos.

Não obstante, percebe-se que os professores afirmam trabalhar com materiais diversos, e além disso investem em formação continuada de 2 a 3 vezes por ano, como a maioria ressaltou, mas em determinadas questões, deixaram algumas lacunas no conhecimento básico sobre Arte enquanto professores da área, pois não conhecem termos simples.

Com isso, a bibliografia confirma inteiramente a hipótese, enquanto a pesquisa de campo, de modo relativo, porque em determinados momentos os professores afirmam trabalhar o fazer artístico de maneira lúdica, dinâmica, até mesmo fora da sala de aula e envolvendo as linguagens artísticas, mas em outras situações, percebe-se que eles não possuem o domínio teórico para isso.

Referências

AZEVEDO JUNIOR, José Garcia de Apostila de Arte: Artes Visuais, **Imagética Comunicação e Design**, São Luís, p. 5-59, 2007. Disponível em: https://www.passeidireto.com/arquivo/42381084?utm_campaign=android-arquivo&utm_medium=mobile Acesso em: 15 Jul. 2020.

BARBOSA, Ana Mae. **Teoria e Prática da Educação Artística**. São Paulo: Cultrix, 1975a.

BARBOSA, Ana Mae. **Inquietações e Mudanças no Ensino da Arte**. 7.ed. São Paulo: Cortez, 2012c.

BARBOSA, Ana Mae. **Tópicos utópicos**. Belo Horizonte: C/Arte, 1998b.

BRASIL. **Arte e a Lei de Diretrizes e Bases**. São Paulo: Portal Educação, 2013. Disponível em: <https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/arte-e-a-lei-de-diretrizes-e-bases/36090> Acesso em: 30 mar. 2020.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n.9.394, 20 de dezembro de 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm. Acesso em: 7 Jul. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base**. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2017.

BRASIL. Secretaria de Ensino Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: Arte**. Brasília, 1997.

CESCHINI, Erik. **Ciência e Arte: entre conceitos, relações e implicações educacionais**. Unesp, São Paulo, 15-230, 2018.

FERRAZ, Maria Heloisa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Rezende. **Metodologia do ensino de Arte**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 1999.

FERRAZ, Maria Heloisa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Rezende. **Metodologia do ensino da arte: fundamentos e preposições**. 3.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

FONSECA, João J. da Saraiva. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.